

NO AUGÉ DO ANONIMATO

- CONTOS -

EDER CAPOBIANCO ANTIMIDIA



Eder Capobianco Antimidia

No auge do anonimato

2017 © Produção Caseira e Distribuição Aleatória



Este e-book foi diagramado em formato A5 (148 mm x 210 mm), e contém 15 contos escritos por Eder Capobianco Antimidia e publicados na rede de blogs AntimidiaBlogs.

- :: Foto da capa e capa | Eder Capobianco Antimidia
- :: Diagramação | Eder Capobianco Antimidia
- :: Textos | Eder Capobianco Antimidia

ANTIMIDIA, Eder Capobianco. *No auge do anonimato*. Assis, SP: Produção Caseira e Distribuição Aleatória, 2017.

eder.capobianco@gmail.com
<http://antimidiablog.wordpress.com>
<http://www.flickr.com/antimidia>
#antimidiablog #noaugedoanonimato #edercapobianco

2017 © Produção Caseira e Distribuição Aleatória

Sumário

Bruno e Maira em uma tarde qualquer	5
Mundo girando	9
O amor eterno	14
Rotina do cão	17
O aborto	25
A era da reprodutibilidade técnica avançada	29
A conta	35
Almoço <i>fast-food</i>	38
O gordo contra o mundo	41
O surto	46
O estupro	49
O fim do resto	53
Depois da merda no ventilador	57
Bate-papo	61
Memórias de um empurrador de árvore	66
Sobre o AntimidiaBlog	69

Bruno e Maira em uma tarde qualquer

Bruno acordou como foi dormir, desempregado. Pegou a última colher de café e fez um chá preto fraco. Queria um cigarro, mas o cinzeiro não tinha bitucas. Precisava de dinheiro. Pensou em ligar para o César. Ele estava bem. Era gerente de alguma coisa numa multinacional há anos. Foram grandes parceiros de truço nos tempos de escola. Não se falavam desde o enterro do Muleta, dois, três anos atrás. Depois ficou com vergonha porque não sabia nem o que ia pedir. Dinheiro? Trabalho? Good times? Tudo junto? Bruno estava fudido. Morando de favor no sofá da sala do pai, roupa mal lavada e cara de desocupado. Procurou umas moedas nos potes da cozinha, depois nos da sala, e no sofá. Achou o suficiente para uma dose de qualquer coisa barata e um cigarro. Sem muitos destinos a seguir ele rumou para o Bar do Jaime. Chegando lá sentou numa mesa na calçada e ficou esperando o tempo passar na companhia solitária de um copo de conhaque. Quando parecia que o mundo inteiro estava alheio a sua existência Maira sentou ao seu lado.

- Não vai me oferecer uma bebida?
- Não tenho dinheiro e esta é uma dose individual. Mas você pode ficar sentada aí se quiser.
- Então eu pago a bebida.

Maira entrou no bar e voltou com uma garrafa de cerveja e uma dose de conhaque. Serviu dois copos com a cerveja e sentou.

- Não consigo me imaginar trabalhando, casada, com filhos. Nasci para ser livre.

- Dá para ver.
- O que dá para ver?
- Que você nasceu para ser livre.
- Mas as pessoas não aceitam. Querem transformar você numa coisa que você não é.
- As pessoas são foda.
- Você nasceu para ser o que?
- Nada. Vou no banheiro.

Bruno se levantou e entrou no bar. Quando voltou tinha um outro cara na mesa e um mostruário hippie apoiado na parede.

- Esse é o Alberto. Ele vende artesanatos. Perguntou se eu aceitava um colar em troca de uma cerveja e eu aceitei.
- Tudo bem.
- Qual o seu nome?
- Bruno.
- Eu também não sabia, nem tinha perguntado.
- Tudo bem.
- A gente estava falando do preconceito que o Alberto sofre por ter escolhido vender artesanatos na rua. As pessoas acham que ele é vagabundo.
- Negro como eu então, o preconceito é dobrado.
- As pessoas são foda.
- Costumo dizer que sempre desconfie quando alguém pergunta o que você faz. Deve estar querendo saber como pode se aproveitar de você.
- Eu acredito mais no que as coisas são do que no que elas podem fazer.

Maira morava sozinha num apartamento, no centro, que sua família lhe deixou como herança. O vizinho de baixa mora onde morou sua vó um dia, e como ela mora no céu Mai-

ra que recebe o aluguel. Tinha feito o antigo magistério, mas nunca usou o título para nada. De repente abriu a cortina da sala e se deparou com Bruno, sentado sozinho no bar com um copo na mesa, desanimado. Ela não queria ficar sozinha sem fazer nada em casa, de longe ele parecia que também não. Por um instante ela pensou que tinham sido feitos um para o outro, então resolveu descer. No elevador ela lembrou de quantas vezes este pensamento invadiu sua cabeça, e que a esperança é uma doença. Mas ela não tinha nada a perder e já estava no meio do caminho. Depois de uns goles, e de Alberto voltar para a batalha da rua, Bruno ganhou o status de contatinho.

– Você não gosta muito de falar, né Bruno?

– Não.

– Porquê?

– A chance de falar besteira é menor.

– Meu pai dizia que em boca fechada não entra mosca.

– É.

– Você é meio misterioso, tem cara de inteligente. Gosta de ler?

– Não.

– Eu também não. Prefiro outras coisas para viajar. Ahahahahaha.

–

– Tem gente que acha que você tem que ler, ter cultura, estudar. Acho que estas coisas só deixam os outros mais chatos, metidos a besta. Ficam se achando superiores.

– As pessoas são foda.

– Como se saber uma conta de matemática ou ter lido todos os livros do mundo fizessem de alguém mais inteligente. Você terminou a escola?

– Não.

– Você por exemplo, não gosta de ler, não terminou a escola, e parece muito inteligente.

–

– Acho que se aprende mais aqui, vivendo a vida na rua, do que com um professor metido a besta numa escola que parece uma cadeia.

– É.

– O que você tem para fazer?

– Nada.

– Eu também. Acabou a cerveja. Tenho mais lá em casa, quer subir?

– Sim.

Os dois foram para o apartamento dela e deram uma meia foda. Bruno teve uma parte do ânimo tomado pelo conhaque e Maira desanimou com a falta de jeito dele com a coisa. Depois de tentar um pouco os dois desistiram e Bruno voltou para o sofá da casa do pai.

Mundo girando

Carro simples passando por uma avenida tranquila pela manhã. Dois caras com pinta de Vincent Vega dentro.

- Não aguento mais esta política fascista.
- Apaga isso.
- Existe uma política em curso de exploração e marginalização dos viciados.
- Que? Do que você tá falando?
- De pagar por todos os pecados da humanidade. Do preço do cigarro, da cerveja, da loteria, do puteiro. Garota de programa tá tendo que pagar 25% de imposto. Para ganhar alguma coisa ela esta tendo que dar um quarto da bunda para o governo.
- Cala a boca e apaga esta porra!
- Olha só a marginalização. Você esta se excedendo por causa de um simples cigarro.
- Vai se foder. Não quero que fumem no meu carro. Só isso. Apaga esta porra!
- Não estou fumando, só esta aceso.
- Porra!

Estacionamento da faculdade movimentado. Galera da Sally Sanders em volta de um carro com as portas abertas e uma música tocando.

- Não aguento mais as pessoas jogando suas frustrações em cima dos outros. É muita imaturidade.
- Sério que o assunto ainda é este?
- Qual?
- Você, o Andrew e o drama da sua vida.

- Do que você tá falando? Porque você tá falando esse nome para mim? Tô falando da discussão que está rolando no whats da foto da menina pelada desmaiada que o outro menino colocou na net.
- Não estou sabendo. Um cara postou uma foto de uma mina pelada e isso abalou os alicerces da sociedade moderna?
- Calma aí, não foi assim. A mina tava notavelmente apagada pelo excesso de alguma coisa. Tem umas fotos do cara com o pau na cara dela. Foda. Sei lá. Ficou parecendo estupro. Olha aqui.
- Foi aqui isso?
- Parecendo não, com certeza foi.
- Não, acho que na Inglaterra. Alguém sabe da onde vem isso? Quem postou no grupo?
- Fui eu. Apareceu no grupo de uns camaradas da minha cidade. Quem te disse que foi na Inglaterra? Acho que foi aqui no Brasil mesmo.
- Sei lá. Pelos móveis do quarto, a cara da mina. Não parecia o Brasil.

Sala de aula com imagens de Da Vince e mapas pela parede. Professor Girafales falando para alunos do naipe Timão e Pumba.

– ...por isso vamos tentar fugir do senso comum e falar da educação pública sem citar os problemas de sempre. Sala de aula cheia, carteira quebrada, alunos apáticos ou desinteressados, falta de material escolar, ambiente caótico, estas coisas. Vamos pensar que tudo isso não pode ser empecilho para um bom professor. Vamos pensar na escola como meio para construção do conhecimento a partir da desconstrução da realidade. Num espaço para discussão e interação social, desenvolvimento humano.

– ...

– ...

– ...

– ...

– Estas ideias lembram alguma das teorias do bielorrusso Lev Vygotsky. Alguém já viu alguma coisa sobre ele?

– ...

– ...

– ...

– ...

– Vygotsky viveu no começo do Séc. XX, tendo se destacado nas décadas de 20 e 30. Para ele o domínio da linguagem do meio sociocultural onde o indivíduo está inserido é fundamental para o seu desenvolvimento social e psicológico. Seguindo mais adiante em sua vasta obra veremos que professor e aluno tem que ter o domínio da mesma linguagem para que o processo de construção de conhecimento seja concluído com sucesso. Esta ligação entre professor e aluno foi chamada por ele de obuchenie. Isso é, para que aja uma relação interligada entre professor e aluno os dois devem ter o domínio da linguagem do meio sociocultural onde estão inseridos. Dentro desta linguagem se destacam os símbolos deste...

– É aula do que mesmo?

– Psicologia da educação.

Escada do corredor das salas de aula. Umás espécies do tipo Travis Bickle conversam enquanto fumam um cigarro.

– Não aguento mais estes maconheiros fumando essa droga em qualquer lugar. Isso não é crime!?

– Estes imbecis tinham que ser presos e exterminados. Bando de vagabundos.

– Hahahahahah.....

– Falando sério, isso é crime. Porque estes cretinos ficam fumando por aí como se fosse permitido? Porque ninguém pren-

de estes filhos da puta?

– Parece que descriminalizaram.

– Descriminalizaram porra nenhuma. Isso é papo.

– Este povo não quer fazer nada e acha que alguém ainda tem que pagar por isso. Daqui a pouco vão estar querendo mamar nas tetas do estado de alguma forma. Bolsa maconha, sei lá.

– Não entendo como a Paty entrou nessa. Ela é bonita, inteligente, não tem nada a ver com estes marginais.

– Vai ser mais uma prova de como esta droga pode destruir a vida de alguém. Daqui um tempo você vai ver ela zumbizando por aí e dando a bunda por uma pedra.

– Sei lá, entrou nessa por que quis. Agora tem que se foder grandão para aprender.

– São uma raça de merda. Cade os pais destes babacas? Eles são os culpados desta merda. Com certeza devem estar fazendo mais merdinhas, porque também são uns vagabundos.

– Por isso o Brasil esta nessa merda. Todo mundo faz a merda que quer e ninguém fala nada. O que esta faltando por aqui é cadeia.

– Não tem que prender. Tem que matar!

Cantina. Turma da Mônica sentada em volta de uma mesa de plástico com a marca de uma empresa de cerveja.

– Aí, não aguento mais vir aqui.

– Verdade. Um monte de gente que não quer nada com nada.

– Você viu na aula de Inglês? O professor tentando explicar com a maior boa vontade e o Valadão fazendo um monte de perguntas idiotas. Querendo saber tradução de música. Isso atrapalha.

– Não sei o que este povo vai fazer da vida quando acabar a faculdade. Isso é, se acabar.

– Você não sabe de nada. Um monte deles tem notas melhores que as nossas. O Renton tem até bolsa de iniciação científica,

sabia?

– Como pode? Um monte de gente que estuda, se esforça, tentando e não consegue, e ele, que fica dia e noite atrás de bagunça por aí, consegue?

– Também não entendo.

– Sei que tenho que tomar cuidado para não perder a minha. Fiquei fazendo relatório o fim de semana inteiro, mas o professor Caxias acha que precisa de mais. Trinta e sete páginas é pouco para ele. Não sei mais o que escrever. Vou ter que encher lingüiça.

– Eu encho de citação. Os meus tem pelo menos uma por página, mais nota de rodapé. Tem que ganhar espaço, querida. Meu orientador não fala nada.

– Faço tanto isso que daqui a pouco meu trabalho vai ser plágio.

– Se for tudo bem, ninguém lê.

– Hahahahaha.....

– Hahahahaha.....

O amor eterno

Três anos depois de entrar para faculdade de arquitetura Camila já sabia que poderia ser muitas coisas na vida, mas não arquiteta. Sentada em cima da mesa do Dr. Fernandez, com uma taça de vinho e a perna aberta, ela nem queria. Ele dispensou o copo de whiskey e posicionou sua cadeira de modo a não precisar abaixar muito para se enfiar em baixo do vestido de colegial dela. Em uns doze minutos ela tinha acabado com o serviço e em mais dez estava descendo o elevador do Business Money Tower. Passando pelo lobby perguntou para o Seu Antenor, só para ter assunto, “alguém mais me procurou?” Apenas o fato de ele responder mais que uma palavra já a preocupou. “Doutor? Não, mas hoje mais cedo veio um cara dizendo que era policial perguntando de alguém com o seu nome e muito parecida com a Senhorita.” “E o que você respondeu?” “Que não vi ninguém parecido, mas ele disse que voltava.” “Obrigado querido, você é um amor. Se ele voltar de novo você me avisa, tá?” Ela pediu dando um beijo na testa e comprimindo seus peitos na cara dele.

Sempre que estava com o pé rua ela olhava para todos os lados para tentar se certificar de que ele não estava atrás dela. Paulo estava esperando na entrada do flat, sob o olhar atento e preocupado do porteiro. “Vamos conversar?” “Nós já falamos tudo que tínhamos para falar. Por favor Paulo, vá viver a sua vida.” “Minha vida é com você. Isso não esta certo!” Com a ordem de restrição nas mãos, que dizia que ele não podia se aproximar mais que 50m dela, Camila advertiu em tom sério: “Se você não sair da frente do prédio eu vou chamar a polícia.” “Não adianta Dona Camila. Ele fica sentado ali na curva olhando.” Interveio Manuel do alto falante ao lado do portão. “Vai

cuidar da sua vida porteiro de bosta!” “SOME DA MINHA VIDA!” Ela parou na portaria nervosa e falou para o porteiro: “Se ele estiver a menos de 50m da entrada do prédio chama e polícia e mostra isso para eles.” Ele pegou o papel e foi até o portão. “Ei, camarada, acho que você não vai conseguir mais nada aqui. Procura um bar longe daqui e enche a cara. Amanhã quando você acordar só segue em frente.” Ele saiu agitando o papel. Paulo andou uns metros na calçada, subiu numa árvore e começou a rezar. Ficava observando todos que entravam no prédio. Na sua cabeça os homens eram todos clientes de Camila, menos os gays, e as mulheres eram todas garotas de programa.

Sem ter tempo a perder ela arrumou o apartamento e acendeu uns incensos. Construiu um ninho de amor na banheira com espuma, umas toalhas dobradas e pétalas de rosa. Colocou pilha no vibrador e deixou ele a mão junto com outros brinquedinhos. Pouco depois de terminar de se maquiar o interfone tocou. “Dona Camila? Posso deixar o Senhor Marcos subir?” “Sim Manu, obrigada.” “Olha, aquele outro esta em cima de uma árvore aqui do lado do portão dos carros. Já chamei a polícia mas eles não vieram. A Senhora quer que eu te ajude a resolver isso? Ele não vai mais querer chegar perto da Senhora.” Ela negou a oferta da surra e esperou a campainha tocar na frente da porta. Quando Marcos entrou ela já estava de cinta-liga e pronta para atacar. Ele tirou a roupa e foi para cima dela com tamanho apetite que não conseguiu chegar até o ninho de amor do banheiro. Só precisou do vibrador que Camila foi buscar com entusiasmo quando solicitado por ele. Ela prendeu uma cinta na cintura, encaixou o troço e fodeu ele com força. Ele se divertiu tanto que até se ofereceu para pagar uma pizza e bater o papo por metade do preço da hora. Ela topou e os dois só não dormiram porque Marcos tinha que ir buscar o filho na escola de inglês. Depois de dois clientes e um barraco Camila pegou no sono assistindo o jornal.

Quando acordou de manhã estava preocupada com Paulo. Interfonou para portaria e perguntou para o Jonas, porteiro do diurno, se ele ainda estava na árvore. “Acho que não Dona Camila.” Ela tentou falar com a irmã dele para ajudar ele a seguir com a vida, mas ela não atendia mais as ligações desde que Camila pediu a ordem de restrição. Um tanto quanto insegura ela continuava tentando ajeitar a vida. A jornada ia ser tripla, sendo que só o último cliente ela atenderia em sua casa. O primeiro era um político do sul que gosta de transar minutos antes de reuniões importantes. Como ele tinha uma destas ela ia encontrar ele num hotel perto do centro de convenções. Depois almoçaria com uma amiga no shopping e iria para o consultório de um dentista na zona sul, para no fim da tarde encontrar o Marcos no flat. Não dava um passo sem tentar olhar para todas as direções em busca de Paulo. Era difícil se convencer de que ele não a estava seguindo.

No caminho para o centro de convenções recebeu uma mensagem adiando o encontro. O prefeito tinha solicitado uma reunião e a diversão ia ter que ficar para outro dia, por que no fim da tarde a agenda de Camila já estava cheia. Com tudo, o almoço com Karen ganhou um pouco mais de tempo e as duas ficaram batendo perna no shopping. “Estou pensando em sair do flat e comprar um apartamento na zona sul. Quero independência do Marcos.” “Cuidado amiga, você já tem um ex louco atrás de você. Te disse para não aceitar dinheiro do Marcos sem sexo. Ele esta apaixonado por você.” “É diferente. O Paulo foi meu primeiro namorado, e eu a primeira namorada dele. Perdemos a virgindade juntos, ficamos dez anos juntos. O Marcos é casado, tem filhos, família. O que ele gosta em mim é outra coisa, e vou continuar dando, ou ele vai continuar.” As duas riram alto e todo mundo olhou. Vendo toda aquela felicidade Paulo não se controlou. Apareceu repentinamente detrás de uma pilastra e acertou dois tiros em Camila. Depois caiu ao seu lado e pediu desculpas antes de atirar contra a própria cabeça.

Rotina do cão

[Quarto]

Janela aberta.

Umidade relativa do ar: 30%.

Cheiro Verde dormindo, suado e sem camisa.

Ventilador de teto fazendo nhec-nhec.

Telefone tocando.

– Hã?!

– Alô, Cheiro?

– Quem é?

– O Manjerona. Surgiu a oportunidade de fazer um bico na pizzaria do Sr. Azeitona hoje a noite. São cem pilas para ajudar na cozinha. Topa?

– Cem mangos para lavar prato a noite inteira é uma oportunidade do Velho Azeitona explorar um otário. Não sou otário, e não vou perder a oportunidade de continuar não sendo.

– Calma aí. Acordou com o pé esquerdo? Não é tão ruim. Vou topar porque estou precisando da grana, e sei que você também precisa. Vamos lá, estou tentando te ajudar também.....senão vou ter que ficar escutando a Dona Jaca me encher o saco a noite inteira....

– Não sei se ajudar é a palavra certa aí, mas tudo bem.....na boa, vou continuar na pindaíba.

– Não te entendo sabia?

– Não precisa.

– Tudo bem. Falou.

– Inté.

[Quarto]

Janela aberta.

Ventilador de teto fazendo nhec-nhec.

Umidade relativa do ar: 30%.

Cheiro Verde, suando, fumando um cigarro e sentado na cama com o celular na mão.

<Eu>

Bom dia flor do dia

Sonhei com vc

<Moranguinho Love>

Oi amorzinho!!!

Estou ocupada

Nos falamos depois

<Eu>

Vamos se encontrar no fim da tarde.....

<Moranguinho Love>

Não sei que horas vou sair da agência

Se der te mando uma mensagem

:)

<Eu>

:/

[Quarto]

Janela aberta.

Ventilador de teto fazendo nhec-nhec.

Umidade relativa do ar: 30%.

Cheiro Verde suando, fumando um cigarro, sentado na escrivaninha na frente do computador.

EDITORA OVAL

ORIGINAIS <info@editoraoval.com.br>

Em 07 de agosto de 2013 14:47, ORIGINAIS <info@editoraoval.com.br> escreveu:

Prezado(a) escritor(a),

Infelizmente, não foi possível fazer a leitura do original enviado.

Lembramos que seu original ficará em nosso banco de dados.

Aproveitamos para desejar Boas Festas!

ORIGINAL – Editora Oval

Atenção! Esta mensagem é enviada através da solução de e-desculpas NÃO. Por favor, não responda a esta mensagem. Respostas serão ignoradas.

[Cozinha]

Rádio ligado.

Motor da geladeira chiando.

Louça suja empilhada por toda pia.

Cheiro de comida estragada.

Umidade relativa do ar: 30%.

Cheiro Verde suando, fumando um cigarro e fazendo café.

(Locutor) “...e já foi David Bowie, Lemmy Kilmester, Dio, e o Keith Richards continua aí. Baseado nisso alguém pode dizer que o abuso da tríade sexo, drogas e Rock’n Roll é o segredo da vida. Ou que devíamos comer bosta, milhões de moscas não podem estar erradas. Enquanto as perguntas continuam sem respostas, e a chuva não vem, a gente segue com Rolling Stones, fudendo com tudo em (I Can’t Get No) Satisfaction...”

“I can’t get no satisfaction

I can’t get no satisfaction

‘Cause I try, and I try, and I try, and I try

I can’t get no

I can’t get no”

[Cozinha]

Rádio com volume zerado.

Motor da geladeira chiando.

Louça suja empilhada por toda pia.

Cheiro de comida estragada.

Umidade relativa do ar: 30%.

Cheiro Verde suando liga para alguém.

– Oi! Brócolis?

– Sim. Quem é?

– É o Cheiro Verde. Tudo bem?

– Ou Cheiro. Tamo indo. E você?

– Sabe como é, nunca posso reclamar, mas eu reclamo. Hahaha.

– Hahaha. Não tá fácil para ninguém. O que que manda?

– Cara, estou precisando de trabalho. Topo escrever até bilhete de biscoito da sorte, cara. Já faz um tempo que estou sem trabalhar. Vou morrer louco e falido. Hahaha.

– Haha. Nem me fala, cara. Para mim também não esta fácil. A Editora Redonda esta quebrando, e a Editora Agosto só publica texto de assessoria de imprensa. As redações on-line só trabalham com estagiário. Não sei mais o que fazer.

– Poderia fazer revisão também se ainda julgassem que isso é necessário. Também vendo mão de obra barata para assessoria de imprensa.

– Eu também. Se souber de alguma coisa pego para mim e se souber de outra te dou um toque.

– Valeu! Vamos nos encontrar um dia desses para trocar uma ideia. Tenho uns projetos aqui.

– Vamos sim! Te dou um toque.

– Fechado. Abraços.

– Abraços.

[Quintal]

Barulho de crianças no vizinho e da televisão deles.

Sol quente e sem vento.

Umidade relativa do ar: 30%.

Cheiro Verde suando, fumando um baseado e mexendo no celular.

<Cenoura>

Alguém aí sabe como combater spidermites?

<Berinjela>

Sei não...

<Cenoura>

Então não responde krai
hahahahha

<Berinjela>

Pode crê
Só fica enchendo o grupo de merda
hahahhaha

<Abóbora>

Isso mesmo
Mas é melhor ler isso que um livro
hahahahha

<Cenoura>

hahahahah

<Berinjela>

hahahahah

<Tomate>

Ninguém aqui tem nada melhor para fazer?

<Cenoura>

Não
hahahahha

<Melão>

Uma coisa que funcionou aqui foi molhar um chumaço de algodão com água e óleo de Neen e passar em folha por folha até acabar com tudo. Dá um trabalho, fodido mas resolve.

<Tomate>

Do que você esta falando?

<Melão>

Das spidermites

<Cenoura>

Valeu Melão! Vou tentar!

<Tomate>

???

[Quarto]

Janela aberta.
Ventilador de teto fazendo nhec-nhec.
Umidade relativa do ar: 30%.

Cheiro Verde suando, fumando um cigarro e deitado na cama com um livro na mão.

“De acordo com Babette, 98,3% dos advogados terminam no Inferno. Isso em contraste com 23% dos fazendeiros que são condenados eternamente. Os donos de comércio varejistas são uns 45%, e 85% de autores de softwares de computadores. Talvez um número irrisório de políticos suba ao Céu, mas, estatisticamente falando, cem por cento deles são jogados no poço de chamas. Assim como essencialmente cem por cento dos jornalistas e ruivos. E, por algum motivo, pessoas mais baixas que 1,55 metros têm propensão a serem condenadas. Além disso, gente com índice de massa corporal maior do que 0,0012. Babette começa a jogar essas estatísticas e você juraria que ele era autista. Só porque ela uma vez trabalhou processando uma papelada para almas a caminho, poderia lhe contar que o número de loiras supera o de morenas numa proporção de três para um no Inferno. Pessoas com pelo menos dois anos de ensino superior tem quase seis vezes mais probabilidade de serem condenadas. Assim como pessoas com renda anual de mais de sete dígitos.”*

[Quarto]

Janela Aberta.

Ventilador de teto fazendo nhec-nhec.

Umidade relativa do ar: 30%.

Cheiro Verde suando e dormindo.

* (*Pág 129, Condenada, Chuck Palahniuk*)

O aborto

Luciana tinha 14 anos e desconfiava que estava grávida.

Começou a suspeitar de algo errado depois de dois meses sem menstruar, e de sua vó estranhar os enjões e perguntar sobre sua virgindade. As pesquisas no Google indicavam que as chances de estar esperando um filho eram grandes. Alguns sites anunciavam a notícia de forma mais feliz, outros de maneira mais temerosa. Mas foi um teste de farmácia, no banheiro da escola com a Ana, que deu 93,7% de certeza.

Quando escutou da Paula, um tempo atrás, que agora que ela menstruava podia engravidar, Luciana entendeu que agora podia transar. Por algum motivo também concluiu que só ia engravidar se transasse quando estivesse menstruada, e ela jamais tinha transado menstruada. Um professor de ciências, numa aula de educação sexual, tinha dito uma vez que a camisinha evitava a gravidez, mas ela nunca tinha entendido porque. Que o sexo podia gerar uma gravidez nunca foi um segredo, mas como ele levava a gravidez era outra coisa.

Ela só tinha metido com dois meninos. Seu primo mais velho e seu namorado, uma semana antes. Como quase tudo que ela sabia sobre gravidez vinha de blogs escritos com técnicas de SEO, e conversas no banheiro feminino, concluiu que namorado deveria ser o pai. Com um filho ele não ia mais querer namorar com ela. Sua mãe nunca mais a deixaria sair de casa. Sua vida estava acabada.

Então decidiu que ia fazer o aborto e que ninguém nunca ia poder saber de nada, só suas melhores amigas Ana e Natália.

As três juntas voltaram para a internet para saber como era um aborto.

Descartaram rapidamente as clínicas que apareceram na primeira página da busca. Luciana era menor de idade e nunca tinha imaginado ter tanto dinheiro. Então descobriram que existia um remédio que provocava o aborto. Depois que ele não era vendido nas farmácias. Em seguida que podiam comprar num grupo do Facebook. Por fim também não teriam como conseguir o dinheiro.

Num segundo momento viram que chás e algumas comidas também provocavam aborto. Mas elas não tinham como fazer o chá, na casa de qualquer uma delas alguém poderia ver. Parecia difícil de conseguir a tal Artemísia-losna e ia ter que tomar durante dias. Depois ia vir muito sangramento. Luciana não conseguiria esconder. Descartaram também.

Na busca desesperada por uma solução imediata chegaram até um site com “dicas do sertão”. Viram que muito antigamente mulheres abortavam enfiando uma agulha de crochê na buceta até expelir o bebê.

Luciana ignorou as advertências do site para que não recorresse aquele método e desatou a chorar. Estava claro para ela que esta era a forma mais fácil de resolver o problema.

Foram pesquisar mais a fundo sobre como proceder. Leram que deveriam cutucar o útero com a ponta da agulha ate sentir que ele tinha sido danificado. Viram um vídeo de uma mulher satirizando a situação e imaginaram os movimentos. Tudo parecia fazer muito sentido para elas.

Ana e Natália se mostravam fiéis a amiga. Ajudariam em tudo e choravam copiosamente junto com Luciana. Ela imaginava que ia sair de dentro dela pedaços da criança enquanto ela fazia xixi. Achava que ia doer muito. Estava com muito medo, mas tinha certeza que estava fazendo o que tinha

que fazer.

Como se todo mundo já estivesse pronta para o procedimento combinaram que Luciana roubaria duas agulhas de crochês de sua avó. Seguindo uma recomendação satírica do vídeo utilizariam óleo de cozinha como lubrificante. Natalia ia pegar na geladeira antes de sair. Todas se encontrariam na casa de Ana e iriam em uma construção abandonada que ficava no mesmo quarteirão. Foi ela também que lembrou de pegar uma toalha.

As três entraram pelo cercado de madeira quebrado e foram até um quarto no piso de cima. Ninguém falava muito e, agora, ninguém sabia muito o que fazer num quarto escuro. Luciana pegou um pano velho que achou e estendeu na frente da janela, que era por onde entrava a luz. Ela sentou com as costas meio apoiada na parede, abaixou a calça, tirou a calcinha, abriu as pernas e esticou a mão com a agulha de crochê na direção de Natália.

Chorando desesperadamente Natália disse que não tinha coragem. Ana tremia tanto e estava tão nervosa que não conseguia falar.

Um pouco trêmula Luciana passou óleo na agulha de crochê e começou a enfiar na buceta. Ela sentiu a ponta da agulha chegar até o limite do colo do útero. Alguma coisa parecia se remoer dentro do seu estômago e ela apenas deslislava o pedaço pontudo de plástico de um lado para o outro.

Natália estava com as mãos cobrindo a boca e o nariz, soluçando e espalhando desespero com o olhar. Ana estava de costas, sentada e encolhida no chão chorando baixinho. Luciana olhou para cima, respirou fundo e começou a estocar a agulha de crochê com força no meio das pernas. Uma, duas, três e ela largou o objeto e começou a rolar no chão, gemendo desesperadamente, em posição fetal e com as mãos na barriga.

Segundos depois o sangue começou a se espalhar pelo pano sujo que Luciana tinha esticado. Num impulso assustado Natália se levantou e saiu correndo. Ana tirou forças do fundo da alma para sentar ao lado da amiga e segurar sua mão. Luciana chorava, tremia e se contorcia sentindo coisas meio sólidas e gosmentas saírem do meio de suas pernas.

Os minutos que se seguiam eram angustiantes. Nenhuma das duas sabia o que fazer ou o que falar. O fluxo de excrementos foi diminuindo, mas Luciana sentia que a dor ia ficando cada vez mais aguda.

Ambas sabiam que tinham que voltar para casa antes que suas ausências fossem questionadas. Luciana começou a se limpar um pouco com a toalha que Ana lhe ofereceu, mas tinha muito sangue. Quando tentou se levantar percebeu que não conseguia firmar as pernas, e precisou se apoiar em Ana para ir até uma torneira nos fundos para se lavar.

Fazendo um esforço descomunal Luciana chegou em casa e conseguiu tomar um banho. Ela achava normal que continuasse a escorrer um pouco de sangue de um furo de agulha. Colocou dois absorventes e uma toalha de rosto no meio das pernas para evitar o risco de alguma coisa vazar. Pegou no armário do banheiro um paracetamol e tomou para a dor. Depois se trancou no quarto escuro e fingiu que estava dormindo para não ter que falar com seus pais, e para tentar esquecer a dor. Antes de dormir pensou que tanta dor não era normal, e que poderia morrer. Se não morresse faria outro teste de farmácia para saber se o aborto deu certo.

A era da reprodutibilidade técnica avançada

Mirela, Mari, Evandro e Neto estavam ensaiando há semanas. O roteiro era da Mari e do Evandro, e nunca estava fechado. Eles não aceitavam começar a gravar enquanto tudo não estivesse completamente finalizado. Equipe de produção, pós-produção, técnica, tudo definido. Não basta só ter uma super-câmera “D qualquer coisa”, para gravar em HD a beleza de uma pomba cagando em cima de um careca engravatado na Berrini. Tem que ter o som das asas da pomba, tem que ter o barulho da bosta se espatifando na careca lustrosa, dividido em quadros sincronizados com um som angustiante e em ângulos jamais imaginados por Hitchcock. Tem que ter brilho, luz, câmera, ação!

– Vamos fazer um piloto.

– E quem vai editar?

– Eu e a Renatinha.

– Onde? No Movie Maker? Não...

– Ela tá com um canal no You Tube....tudo bem, é sobre moda....mas os vídeos são legais, e ela tem mais de mil visualizações em um já....

– Para com isso....ela que seja feliz, mas a gente quer fazer uma coisa diferente.....

– Ela disse que topa, é só pôr o nome dela nos créditos.....e ela divulgaria no canal dela também.....a gente faz, se não

ficar bom a gente não sobe na net.....

– Tudo bem, mas ainda temos o problema do microfone.....só com o da câmera não dá.....

– Para de colocar dificuldade em tudo.....é só um curta de menos de cinco minutos!.....você dois estão achando o que?.....que....que....sei lá.....aqui não é o NetFlix!

– Calma.....

– Um monte de gente grava com uma câmera pior que a nossa, sem microfone, edita no Movie Maker, ou nem edita, e faz umas coisas muito legais.....faz quase um mês que a gente esta ensaiando, já temos o figurino, a maquiagem, tudo..... vamos fazer!

– Tudo bem, a gente faz um piloto no próximo ensaio.

Cena 1

Resumo – Dois caras estão numa mesa de bar no meio da noite. O número um é um taxista (Mari) e o número dois (Evandro) é um jornalista. Eles estão tomando suco e comendo um pedaço de bolo enquanto conversam. A balconista (Mirela) fica no fundo mascarando um chiclete e fumando um cigarro vendo TV.

{Som de copos tilintando, pessoas conversando, barulho de televisão e carros passando de fundo.}

[Câmera em plano médio com os dois sentados na mesa em primeiro plano e a garçonete em segundo plano aparecendo no fundo.]

(Taxista) – “Sei que não temos muita intimidade, mas eu precisava conversar com alguém.....é que.....sei lá.....ultimamente eu tenho visto tanta coisa.....me faz pensar.....que.....sei lá.....essa cidade.....”

(Jornaleiro) – “Acho que estou entendendo o que você quer dizer.....um tipo de depressão.....todo mundo é feliz menos eu.....algo assim.....”

(Taxista) – “Não sei.....acho que as pesso...”

(Jornaleiro) – “O que você precisa é se divertir cara..... pega umas minas fáceis, toma um porre, faz uma merdas..... aqui é a democracia.....curte, se diverte.....”

(Taxista) – “Estas foi uma das maiores merdas que eu já ouvi....”

CORTA! CORTA!

– Esta ficando bom.....Mirela, eu preciso que você masque esse chiclete como a Sally Sanders na cena do parque de diversões naquele filme com o John Travolta.....você esta no fundo, desfocada, tem que ser bem performática para sair bem..... Mari, seja mais deprimida e menos malandro.....você esta bem Evandro, mas não olha para Mari quando você responde, fala meio de boca cheia, olhando para a direção do barulho da televisão.....você não esta se importando muito com o que ele esta falando.....falem mais alto que não temos mic aqui.....vamos continuar da onde parou.....

Cena 1.....continuação.....ação.....

(Jornaleiro) – “É isso que os homens fazem.....”

(Taxista) – “Esse é o problema.....não aguento mais essa sujeira, essa merda de lugar.....essas vagabundas na rua não percebem que são parasitas?.....”

(Jornaleiro) – “Você vive num país livre cara.....se você gosta de homem procure um e seja feliz.....”

(Taxista) – “Cala essa boca seu animal.....não sei porque estou perdendo meu tempo com você.....”

Fim da Cena 1

– Talvez tenha ficado legal galera.....vamos arrumar tudo para a próxima.....

Cena 2

Resumo – O taxista (Mari) esta na sala da casa de um vendedor de armas (Mirela). Ele tira uma mala debaixo de uma abertura escondida atrás do sofá e os dois começam a negociar.

[Câmera em plano geral, pegando toda a sala e mostrando toda movimentação dos personagens.]

{Sons de crianças brincando no quintal do vizinho e adultos gritando.}

(Vendedor de armas) – “Eu tenho tudo que você precisa..... armas, munição, coletes a prova de bala.....”

(Taxista) – “Eu quero uma Magnum 44 com seis balas.....”

(Vendedor de armas) – “Esta aqui esta belezinha.....robusta, pesada.....1,3kg de pura destruição.....o que ela acertar

ela derruba.....”

(Taxista) – “Quanto é?”

(Vendedor de armas) – “Um barão e meio.....”

(Taxista) – “Com as balas?”

(Vendedor de armas) – “A primeira é sempre na faixa.....o que você esta pensando em fazer com isso.....”

(Taxista) – “Nada demais.....aqui esta o dinheiro.....”

(Vendedor de armas) – “O Tito disse que você era taxista.....que só queria se proteger.....se seus amigos também quiserem posso vender para eles também.....mas nada de falar por telefone, a gente combina e você traz eles aqui.....e se alguém me perguntar você nunca me viu.....e é isso que vou falar se alguém perguntar de você.....”

(Taxista) – “Entendi, eu sei como funciona.....”

Fim da cena 2

– Não sei isso esta dando certo. Nessa cena a câmera ficou muito longe de vocês.....acho que não esta legal o som.....

– Roda aí na câmera mesmo pra gente ver como ficou.....

[Filme rodando]

– O som esta horrível.....parece que é um banheiro.....

– Vamos terminar de gravar.....a Renatinha vai melhorar o

som no computador e colocar os efeitos.....eu estou achando ótimo.....vou arrumar tudo para a próxima cena.....

Cena 3

Resumo – O taxista (Mari) esta sentado numa cadeira na cozinha escrevendo um bilhete. A arma esta do lado do papel na mesa.

[Câmera em plano americano mostrando o taxista escrevendo o bilhete e a arma. Ele acaba de escrever, coloca a caneta do lado do papel, pega a arma e da um tiro na própria cabeça. A cabeça cai do lado do papel, sangrando, e a câmera vai fechando até focalizar o papel em detalhe.]

{Nenhum som, só o barulho do taxista escrevendo o do tiro.}

(Recado do bilhete) – “Eu não sou viado”

Fim da cena 3

– Adorei!

– Acho que ficou uma merda.

A conta

Eu estou morrendo. Sei que todo mundo está, mas eu tenho enfisema pulmonar. Não consigo mais fumar e minha vida é um inferno por causa disso. Tenho que passar o dia na cama, ligado à respiradores e monitores, morrendo. Nunca me importei muito com como seriam esses tempos, mas sabia que eles iam chegar. Você desenvolve uma certa consciência depois de passar 30 anos fumando dois maços de cigarro por dia. Sabia o que ia acontecer. Assim como quando aceitei ser governador, sabia no que estava me envolvendo. Quando disputei minha primeira eleição para vereador era porque eu queria me envolver. Não é só fazer política ou filantropia, é um estilo de vida. Tem haver com manter tudo como esta: bom para todo mundo. Nem de longe imaginei que as coisas poderiam se desenvolver desta forma. O que você tem que entender é que sempre fiz o que achei que era certo para manter o nosso estilo de vida. Eu tenho esposa, filhos, netas. Sempre achei que quando este dia chegasse seria o fim de um outro começo. Sei que isso não me absolve dos meus pecados, mas eu estou morrendo de enfisema pulmonar. E todo mundo que esta morrendo merece alguma compaixão. Porque todo mundo fez alguma coisa de bom para alguém um dia no vida, e quando se esta numa cama, ligado à respiradores e monitores, morrendo, é isso que tem que ser lembrado.

Quando vi a Fernanda pela primeira vez ela estava começando o estágio na Assembleia Legislativa. Era uma jovem estudante de direito, linda. Os longos, e encaracolados, cabelos morenos, o olhar penetrante, as coxas grossas. O conjunto da obra era hipnotizador. Ninguém conseguia resistir aos seus encantos. Admito que quando convidei ela para assumir um cargo em meu gabinete eu já tinha tudo planejado. Sempre fui daqueles que não faz nada sem ter pensado em tudo. Ela não era a

primeira, nem eu. Todo mundo faz assim. Acontece. Eu tenho esposa, filhos, netas. Quando ela aceitou o cargo ela sabia o que estava fazendo. Porque o cargo também incluía um apartamento no centro, com cartão de crédito e carro na garagem. Então, se você aceita tudo isso, você sabe que seu trabalho não será exatamente no escritório. E durante dois anos tudo foi uma maravilha. Nós nos víamos de duas a três vezes por semana. A vida pública exige que algumas coisas sejam realmente privadas. Eu não ia no apartamento para não ser visto na casa dela. Nunca éramos vistos juntos. Se você usa uma aliança no dedo anelar esquerdo, e ocupa um cargo público, você não quer que as pessoas te vejam fazendo o que elas fazem. Elas votam em você exatamente porque elas acham que você não faz como elas fazem. Elas votam em você para poderem continuar fazendo o que elas acham que só elas fazem. Se todo mundo soubesse o que todo mundo fez e faz, o que seria desse mundo? E agora, que estou numa cama, ligado à respiradores e monitores, morrendo, agora isso vai ser importante?

O que você tem que entender é que jamais imaginei que aquilo ia terminar como terminou. Eu tenho esposa, filhos, netas. Não teria feito o que fiz se não julgasse que havia extrema necessidade. Era muita coisa que estava em jogo. Todos os meus grandes feitos não podem ser ignorados por um incidente. Eu também construí escolas, creches, hospitais. Toda uma história não pode ser questionada por causa de uma estagiária num momento de devaneio. Não é porque estou numa cama, ligado à respiradores e monitores, morrendo, que estou contando tudo isso. É porque a imprensa vai fazer um escarcéu, vai supervalorizar tudo. Eu tenho esposa, filhos, netas. Não vão respeitar elas e elas não merecem isso. Não estou aqui pedindo absolvição, é só que vejam que fiz o que fiz porque precisava manter outras coisas, que eram boas para todos. Pode não ter sido a melhor escolha, mas era a única que eu tinha. Quando ela apareceu grávida, na casa da minha família, vociferando que eu era um monstro, ela mesmo não deu valor a tudo isso. Em tudo que eu representava, em tudo que eu era. Ela não me deu opções. A questão não é quem é a vítima, é como se reage

as coisas. Ninguém é santo. O mundo é muito maior que uma pessoa só, e existem os seus problemas e os do mundo, e pertodos do mundo, o seu sempre vai ser pequeno. Uma coisa que pode parecer pequena para você, pode ser grande para o mundo. Não era só a minha honra que ia ser atingida, era a honra de todo mundo.

Quero deixar claro que antes de matar ela asfixiada, e incinerar o corpo numa pilha de pneus, tentei todos os outros meios ao meu alcance para evitar que as coisas terminassem dessa forma lastimável. Não foi fácil fazer o que fiz. Eu não queria. Eu chorei, pedi, implorei. Mas ela tinha vídeos, fotos, conversas. Eu poderia ter dado tudo que ela jamais imaginou ter. Hoje ela poderia estar vivendo bem em qualquer lugar que quisesse. Tentei garantir, com todas as palavras possíveis, que ela e a criança jamais passariam nenhum tipo de necessidade. Muito ao contrário, viveriam sem nunca terem que se preocupar com dinheiro. Teriam até direito a herança. Eu reconheceria o filho quando deixasse a vida pública. Mas ela queria causar um escândalo. Queria usar uma criança para acabar com tudo. O que ela queria era ver tudo que eu tinha construído destruído. Eu fiz o que qualquer um no meu lugar faria. Eu tive que matar ela asfixiada, e incinerar o corpo numa pilha de pneus, para garantir que tudo continuasse como estava, porque estava bom para todo mundo. Eu tenho esposa, filhos, netas, e estou numa cama, ligado à respiradores e monitores, morrendo.

Almoço *fast-food*

Seu Alcides entrou no flat desviando o olhar, um tanto quando encabulado, e carregando uma maletinha dessas de executivo. Tirou um envelope do bolso e agitou com a mão. “Olá baby...pode deixar isso aí em cima da mesinha.” “Oi...boa tarde...posso ir no banheiro?” “Claro, fica ali.” Ele abriu a maletinha e tirou dois saquinhos zip locks. “Você pode vestir isso?” “Adoro fantasias amor. Tenho vários brinquedinhos aqui também.” Seu Alcides entrou no banheiro e abriu sua maletinha como um estojo de figurino. Antes de qualquer coisa tirou a aliança, colocou num saquinho zip lock desses pequenos e guardou a jóia no bolso de dentro do paletó. Pegou dois cabides, um para pendurar o terno e a calça e outro para a camisa e a gravata. Se despiu com cuidado para não amassar a roupa, removeu as toalhas de dois suportes que estavam atrás da porta, entulhou-as no terceiro e pendurou seus cabides com cuidado. Olhou no espelho, ergueu as mão para o céu e fez uma oração. Então começou a se preparar. Primeiro se maquiou espalhafatosamente. Batom, lápis no olho e pó de arroz. Em seguida colocou uma calcinha com cinta liga, meia três quartos e uma saia. Vestiu uma camisetinha branca apertada, um lenço no pescoço e saiu do banheiro carregando um consolo numa mão e um tubo de ky na outra. Sheilla já estava preparada deitada na cama. Usava um vestido preto, de mangas compridas, um pouco acima do joelho e uma meia calça. No peito um pequeno crucifixo de metal, um véu preto com elástico branco na cabeça e um chicotinho de couro na mão.

Aquela putaria toda na hora do almoço fazia Seu Alcides se sentir o Deus do mundo. Sem nenhum minuto de atraso, e sem nenhuma suspeita, às 13:30 em ponto ele estava sentado em sua sala no escritório contábil Estoril. Eram uma dúzia de mesas alinhadas no terceiro andar do edifício Mega Rich

Tower. Cada uma com um computador, um telefone e quilos de papéis espalhados. De acordo com o senso comum estabelecido por ele quem não está focado no um, e/ou falando com alguém no dois, está enrolando. Depois de duas dezenas de anos dedicados à causa Seu Alcides era o dono da razão e da empresa. Sua conduta de legalista e implacável faziam dele o monstro mais temível de todo universo para quem dependia de sua benção para continuar pagando as contas no fim do mês. Sempre chegava meia hora antes que os funcionários de manhã e achava que quem cobrava o pagamento de hora extra não dava o devido valor ao emprego. Era sempre o último a sair. “Dona Suzana, com o rendimento que o seu departamento teve nos últimos dias o que a Senhora vai falar na reunião sobre produtividade?” Tudo que Suzana entendia era que estava no bico do corvo. “Esse mês está difícil, muitas empresas estão fechando Seu Alcides. Quase ninguém alcançou as metas.” Nos ouvidos de Seu Alcides isso soava como desculpa de aleijado é muleta. “E se dependermos de pessoas com o pensamento da Senhora nós seremos os próximos. A Senhora já perdeu sete clientes este mês e repôs apenas um. Preciso de mais trabalho e menos desculpas. Cobre mais de sua equipe e se esforce mais também.” Na sua cartilha isso significava faça mais do que deve e se sinta feliz por isso. “Sim, senhor.” Suzana saiu com a certeza de que em breve seria uma desempregada.

Enquanto revisava alguns relatórios Seu Alcides lembrava das cenas do encontro com a madre superiora. Calculando quanto da piroca de Sheilla que ele conseguiu enfiar na boca concluiu que ela devia ter pelo menos 20cm. Era a maior piroca que ele já tinha visto. Os peitões dela eram uma delícia e não tinham gosto de plástico como os da Lana, nem eram caídos e moles como os da Gabrielle. Se sair com o mesmo travesseiro duas vezes não fosse tão arriscado para sua reputação Seu Alcides com certeza voltaria no flat da Sheilla de novo no fim da tarde. Seus pensamentos foram interrompidos pelo telefone. “Sim, Dona Luiza.” “O Dr. Ricardo está na linha dois.” “Pode passar.” “Seu Alcides?” “Boa tarde, Dr. Ricardo.” “Boa tarde, como está o Senhor?” “Estou bem, e o Senhor?” “Também,

obrigado. Seu Alcides, eu não recebi as guias de recolhimento de impostos desse mês. O Senhor sabe como gosto de manter tudo organizado por aqui, e já é dia 12. Transferi o dinheiro no dia 5 como todo mês mas as guias não chegaram. O Senhor pode ver isso para mim?” “Claro que sim. Desculpe-nos, isso não pode acontecer.” Cinco minutos depois Paulo estava tremendo como vara verde na frente do chefe. “Mas Seu Paulo, como assim essas guias se perderam? Isso não existe.” “Desculpe Seu Alcides, talvez o office boy tenha esquecido elas no caixa do banco ou o caixa esqueceu de entregar para ele. Já solicitamos as segundas vias e até amanhã deve estar tudo com o Dr. Ricardo. Eu também já conversei com ele.” “Conversou o que, Senhor Paulo? Então porque ele me ligou?” “.....” “De qual você está falando? Daquele novo que vem trabalhar de boné e bermuda?” “Sim, senhor.” “Diga para esse moleque que qualquer hora dessas eu vou fazer ele ter que esquecer de vir trabalhar.”

Toda vez que ele se mexia na cadeira, e uma dorzinha na bunda lembrava Seu Alcides daquela pirocar enorme entrando e saindo freneticamente, seu pau ficava duro como uma pedra. Com medo de dar algum sinal de prazer, ele encarava Dona Luiza com um desprezo que beirava o insulto enquanto ela falava. “Aqui estão os relatórios de produtividade que o Senhor pediu da Suzana e do Paulo. A Dona Ana já está sob aviso no RH também e pediu para avisar que é melhor esperar o período de experiência do office boy acabar para mandar ele embora.” “Só isso, Dona Luiza?” “A Dona Kátia mandou pedir para Senhor passar na padaria e pegar umas coisas pro lanche antes de ir para casa, e de pegar pão integral para o Jorginho. Ela também mandou avisar que chamou o sogro e a sogra do Senhor para o lanche, para o Senhor não chegar tarde.” “Pelo amor de Deus Dona Luiza, é só isso?” “Sim, Senhor.” “Então pode ir. Até amanhã.” Já passava das 20h quando Suzana passou na sala dele e avisou que era a última a sair.

O gordo contra o mundo

- O Senhor está bem?
- Sim, e o Senhor?
- Também. Pensou em uma resposta para minha pergunta? No porque nós dois estamos aqui?
- Pensei, mas não sei direito por onde começo.
- Pode ser da onde você quiser.
- Pode ser de quando eu queria fazer alguma coisa?
- Que coisa?
- Eu ainda não sabia o que era, mas eu queria fazer alguma coisa que mudasse tudo.
- Como assim mudasse tudo?
- Que as coisas fossem melhor, sabe?
- Queria que você falasse mais dessas coisas.
- Então, eu queria mudar elas, e ia começar pelo preconceito contra os gordos. Você sabia que eles são a maioria da população do Brasil e representam quase um terço da população mundial?
- Sabia, mas porque você pensou nos gordos e não nos negros,

por exemplo. O racismo não te incomoda?

– Claro, claro que o racismo me incomoda. Eu pensei sobre isso, em começar a mudar as coisas por aí, mas eu não poderia virar negro depois que eu nasci branco. Enfim, este é um grande problema, mas eu estaria preso a certas limitações. O gordo também tem uma coisa de diferente, eu pensei. Tem gordos de todos os tipo, ricos e pobres, brancos e negros, católicos e ateus, e todos eles sofrem com o mesmo preconceito, ser gordo.

– Sim, entendo, e você sofria esse preconceito?

– Não, eu só escutava falar, lia notícia. Mas era porque eu era magro, e eu precisava ser gordo para saber o que era isso. Por isso comecei a comer tudo que eu podia até ficar assim, gordo.

– Então o Senhor ficou gordo para poder sofrer preconceito?

– Isso. Me sentia muito mais livre para falar sobre todas as injustiças e julgamentos que os gordos sofrem. Os olhares nos ônibus, a discriminação na hora de conseguir um emprego, o bullying. Para protestar mandei fazer uma camiseta escrito bem grande: “Sou gordo porque eu quero e posso.” Olha o meu tamanho, e olha que eu era maior, era um outdoor ambulante.

– E o que aconteceu?

– O que acontece com todo gordo. As pessoas se afastam, eu virei motivo de piada. Então eu fui procurar apoio naqueles grupos onde os gordos vão para tentar emagrecer.

– Você queria emagrecer?

– Não. Todo o preconceito começa com essas pessoas. Essa

conversa de que o gordo é bonito por dentro, que ser gordo é uma doença, que gordo é preguiçoso, eu descobri que tudo isso é a raiz do problema. A cultura, a velha e culpada cultura. Mas voltando. Esses programas nunca funcionam, só servem para as pessoas ficarem deprimidas, se isolarem. Então eu comecei a falar com essas pessoas. Explicar que ser gordo não é feio, nem crime, nem doença, não significa nada.

– E assim você ia mudar as coisas?

– Isso.

– E as coisas mudaram?

– Não muito, mas cheguei a algumas conclusões.

– Porque você acha isso?

– As pessoas me olhavam com cada vez mais desprezo. Mas eu percebi que as pessoas que me olhavam assim eram as magras. Quanto mais eu engordava menos atenção me davam. Preferiam ir de pé no ônibus do que ir sentada do meu lado. Não era assim que eu ia mudar as coisas. As pessoas gordas se aproximavam, vinha conversar, conseguiam enxergar as coisas diferentes. A ideia é que as pessoas sejam iguais, mesmo se parecem diferentes.

– E como você se sentia?

– Eu me sentia bem em ser gordo e poder falar sobre tudo isso. O que eu sentia na pele era o preconceito dos magros. Cheguei até a ser entrevistado por uns jornais. Tenho tudo guardado. Mas aquele sentimento de mudar as coisas continuava martelando a minha cabeça. Sabe, eu nasci para mudar as coisas. Acho que sou meio que predestinado.

– Como assim?

– Por exemplo, a família do meu pai e da minha mãe se odiavam. O meu avô, por parte de pai, era prefeito, e meu avô, por parte de mãe, presidente da câmara de vereadores. Eles viviam brigando. Mas aí eu nasci e mudei as coisas, porque as duas famílias ficaram amigas e a câmara dos vereadores e a prefeitura começaram a trabalhar juntos e tudo melhorou na cidade.

– E o Senhor acha que foi o Senhor o responsável por essa mudança?

– E não?! As famílias se odiavam mesmo. Tem até história de morte. O Senhor pode ter certeza que não estou aqui por acaso. Estou aqui para mudar as coisas. Só contei essa história para o Senhor entender que sempre foi assim, de mudar as coisas.

– Mas o Senhor estava dizendo que não ia muito bem com relação ao preconceito dos gordos, a relação com os magros era difícil.

– Isso, mas era difícil por causa deles. Com o tempo fui percebendo que as pessoas estavam hipnotizadas pelas ideias dos magros, e foi quando desenvolvi minha teoria de que se todos fossem gordos não haveria preconceito. E, convenhamos, é bem mais fácil, e legal, os magros virarem gordos que os gordos virarem magros.

– Mas o Senhor não acha que querer que todos os magros virem gordos é igual querer que todos os gordos virem magros?

– Sim, mas é diferente, porque os gordos não tem preconceito contra os magros, mas os magros tem preconceito contra os gordos. Mas eu entendo as reclamações de que minha teoria

foi bastante radical. Eu também entendo que mudar as coisas é difícil, leva tempo, só de estarmos falando sobre isso já foi uma pequena vitória. Falar do preconceito contra os gordos já é um começo. Já dei o primeiro passo. Mas eu nasci para fazer coisas maiores, mudar tudo.

– Como assim?

– Percebi que para mudar as coisas, e muitas coisas tem que ser mudadas, então tenho que dar vários primeiros passos, entende?

– O Senhor quer dizer um passo de cada vez?

– Não, quer dizer que eu tenho que ser tudo que gera algum tipo de preconceito. Assim eu vou poder sentir tudo, e falar sobre tudo, e mudar todas as coisas. Agora eu vou ser pobre.

– Entendo. Falaremos sobre isso na próxima sessão, os enfermeiros irão acompanhar o Senhor até seus aposentos.

O surto

A cabeça de Aguinaldo estava martelando. Ele precisava ter uma ideia. Uma daquelas que muda o destino da humanidade. Precisava de dinheiro. Precisava de muito dinheiro rápido. O mundo estava ruindo ao seu redor, como o final de Scarface quando o Al Pacino enfia a cara numa montanha de pó. E ele não conseguia pensar em nada. Só sabia que precisava de dinheiro. Muito dinheiro. Para uma casa, para um carro, a escola das crianças, a viagem para a Disney. Tinha que ser em dólar. Aguinaldo andava de lá para cá, com a mão direita apoiando a arma na cabeça, mas a ideia não vinha. Ele precisava de dinheiro grosso, não uns trocados. Tinham que ser malas transbordando dólares igual nos desenhos animados da televisão. E tinha que ser rápido. A ideia tinha que ser algo monstruoso. daquelas que resolvem todos os problemas e não dão muito trabalho para colocar em prática. daquelas que rendem milhões para quem fica sentado no sofá cercado de mulheres, tomando champanhe e fumando legítimos charutos cubanos. daquelas que só precisam de uma vez e depois nunca mais.

Era uma mega-sena. Aguinaldo precisava acertar na mega-sena e ficar com todo o dinheiro. Para comprar roupas, colares e tênis. Tinha que ser muito dinheiro. Quilos e mais quilos de ouro. Em tantas barras que ele ia usar uma como peso de porta e outra como peso de papel. As pessoas iam chegar, e perguntar sobre o dinheiro, sobre a ideia. Ele não tinha nada, só um trinta e oito com cinco balas e as mãos tremendo. Sentava, levantava. Fumava um cigarro depois do outro, e nada. Tudo que ele conseguia pensar era que precisava de dinheiro. Preci-

sava de dinheiro rápido. Em dólar, ouro, latinha, papelão. Em qualquer coisa que valesse muito. Tinha que ser muita coisa de qualquer coisa. Depois ele ia viajar, conhecer o mundo num iate cheio de garotas peladas e sexo e droga e rock'n roll. A ideia tinha que ser tão boa que ia sair no jornal. Todo mundo ia saber e todo mundo ia querer ter tido. Uma ideia simples e perfeita. Que nunca ninguém tinha tido. E ele pensava e pensava e pensava. Tinha que pagar o condomínio, o motorista, o jardineiro, a empregada. Era de muito dinheiro que ele precisava.

Mas ele necessitava da ideia antes. Aguinaldo sabia que ela estava lá, na sua cabeça, mas ela não saía. Tinha alguma coisa prendendo. Estava quente, vermelho, suando. A ideia queria explodir, mas não explodia. E ele batia, batia e batia com a mão e a arma na cabeça. Se agachava e chorava como uma criança perdida no supermercado. Precisava de dinheiro. Precisava de uma fortuna com filhos bonitos e inteligentes. Precisava de um cofre como o do Tio Patinhas para nadar em dinheiro com a sua escolhida. Não podia demorar. Não podia ser pouco. Não podia dar trabalho. E ele deitou, respirou fundo, sentiu o coração disparar. Precisava de dinheiro. Para fazer uma festa como a do Conde de Montecristo e mostrar para o mundo que ele tinha conseguido. Para comprar balões, castelos e pessoas. O prazo já tinha acabado. Ele precisava de muito dinheiro agora. Não dava mais para esperar. A ideia tinha que vir. As pessoas iam querer saber, iam querer ver, iam querer tocar. Ele precisava de caminhões com dinheiro até o talo.

Sem a ideia não ia ter dinheiro, sem o dinheiro não ia ter a festa, a vida fácil, nem helicóptero. Ele precisava de tanto dinheiro quanto o Cidadão Kane, para poder perder um milhão por mês por toda a vida. Ele precisava de mais dinheiro que os mafiosos dos filmes do Scorsese. E tinha que ser rápido, como no cinema. Como no Lobo de Wall Street, de uma cena para

outra. Porque ele não tinha tempo. E Aguinaldo chorava e arrancava os cabelos para tentar fazer a ideia sair. Para poder fazer caridade por aqueles que ele achasse que merecessem. Para ser feliz como Jack Nicholson pulando de paraquedas com o Morgan Freeman em Antes de Partir. Ele olhava para os lados, escutava os passarinhos cantando, esperava que a ideia surgisse como música para os seus ouvidos. Que finalmente todas as respostas saíram de sua boca quase como que por encanto. Não ia chegar por telefone, ou pela internet. Ia ser tão natural que ele nem ia perceber. Quando visse já estaria com todo dinheiro. Tomando marguerita numa praia do caribe. Ele precisava sair daquela casa, sentir o vento na cara trazer a ideia a tona como uma semente germina para ser uma grande árvore.

Aguinaldo marchava pela rua perseguindo a ideia. A cabeça continuava martelando sem parar. Vermelha, quente, suando. Precisava de dinheiro. De muito dinheiro. Ele via pessoas com muito dinheiro passando nos seus carros, saindo dos prédios. E ele precisava de mais dinheiro do que elas. E tinha que ser rápido. Como se soubesse exatamente o que fazer ele entrou num banco atirando primeiro nos dois seguros, e depois no caixa que não entendeu o que ele disse. Ele precisava de muito dinheiro, rápido, dentro de uma sacola. Para comprar um apartamento duplex na beira praia, um sítio para descansar. Ele precisava do dinheiro de todos os caixas, e do cofre, e do bolso das pessoas que estavam lá. Precisava de todo dinheiro do mundo rápido, sem perguntas, sem gaguejar. É só colocar tudo dentro do saco. Rápido. Mais, mais, mais. As moedas também. Tudo. Todo o dinheiro. A polícia chegou. Cercou todo o lugar com carros e sirenes. Começou a falar alto num megafone. Aguinaldo tinha que fugir dali. Com todo o dinheiro num saco. Rápido. Ele abriu a porta e sai correndo. Ele deu seu último tiro na direção do megafone que mandava ele parar, e a polícia fuzilou Aguinaldo antes dele chegar até a esquina.

O estupro

Era uma daquelas festas open bar de bebida de primeira, onde todo mundo está aberto a tudo e a fim de tudo. Num sítio longe da cidade, com música alta e gente bonita. César tinha chegado acompanhado, mas Maria teve que sair no meio da alegria porque não estava se sentindo bem. Na verdade ela não gostava desses lugares, mas era uma boa companheira. Sabia que ele queria muito curtir o rolê, e não seria ela a atrapalhar. Foi embora com a certeza de que era a melhor namorada do mundo. Para ele era como namorar a melhor namorada do mundo, o que se traduzia num sentimento de preciso aproveitar essa liberdade da forma mais aproveitável possível enquanto ela ainda existe. Paula não estava bebendo nem mais nem menos que ninguém. Se não fosse pela notável beleza passaria despercebida por aquela passarela. Tentando reabastecer seu copo sentiu um corpo flácido de meia idade espremendo o seu no meio da multidão. Depois uma mão começou a apalpar sua bunda procurando o caminho por debaixo da saia. Quando se virou viu César a olhando psicoticamente. Com calma pegou seu copo e passou para outra mão. “Se segura aí, cowboy. Vamos conversar um pouco.” Paula ofereceu um gole de cerveja gelada, que ele não negou.

“Então, baby, acho que a coisa já está esfriando aqui. Vem comigo para um lugar mais quente.” César agarrou ela pela cintura e começou a empurrar Paula na direção de um banheiro, tentando ser sedutor falando em seu ouvido. “Aqui não. Vamos para o meu carro.” Disse ela. “Melhor ainda, baby. Vou te fuder gostoso no banco de trás.” Os dois saíram para o

estacionamento. César mal conseguia andar e se agarrava nos peitos e na bunda de Paula para tentar se manter de pé. Quando ela abriu o baú da Fiorino branca ele despencou no colchão como um saco de batatas e soltou um peido. “Não se preocupa baby, o outro lado está funcionando bem.” Paula fechou ele lá dentro e assumiu o volante. Mariana estava sentada no lado do passageiro ouvindo música. “Como ele está, baby?” “A fim de diversão.” As duas se beijaram e o carro avançou pela noite. O boa noite cinderela já falava através de César, que ia no emba-lo do som que emanava da cabine da Fiorino, que entrou num celeiro meio abandonado não muito longe da festa.

“Agora a zoeira vai começar”, declarou Paula quando abriu a cabine e pulou em cima de César. “São duas mesmo? Não faço um ménage com duas vagabundas assim desde a faculdade.” Foi a última coisa que ele disse antes de Mariana colocar um silver tape em sua boca. César nem percebeu que ela já tinha amarrado suas mãos e seus pés. Tirado sua roupa. As amigas empurraram César para fora do carro e o ergueram de cabeça para baixo com a ajuda de duas roldanas abandonadas com uma corda. Então, de alguma forma descritível apenas pelo instinto de sobrevivência, César começou a entender o que estava acontecendo e a se debater. As garotas se pegavam como numa cena de clip do Aerosmith na década de 1990. Os brinquedinhos começaram a aparecer nas mãos de uma e também nas mãos da outra. Põe daqui e tira de lá e as duas gozaram loucamente no chão velho de madeira. César olhava tudo lutando contra sua cabeça que teimava em girar. Sua concentração se perdia e ela já não se debatia. Ele pensava mais do que sentia tudo que estava acontecendo.

Paula e Mariana saltavam como fadas em volta de César, que tentava olhar para ambas ao mesmo tempo. “Você não quer brincar com a gente também, gostosão?” Paula girava o

vibrador na mão e olhava com ar sexy para César. “Conheço bem esse tipo. Essa carinha de mau. Gosta de um fio terra né, garanhão?” César agonizava e se retorcia tentando afrouxar as cordas. “Olha esse cuzinho aqui, amor. Meu dedinho não vai ser a primeira coisa a entrar aqui, né?” Os tornozelos presos na corda tentavam forçar o corpo para cima e curvar a bunda para longe, mas as mãos presas junto ao peito, e a cabeça desnorteada, não ajudavam. Mariana enfiou o dedo do meio no cu de César que gemeu abafado pela boca tampada e sentiu a agonia explodir no estômago. “Cutuca mais que ele tá gostando, olha só.” O pau dele ficou duro como uma pedra e ele desatou a chorar desesperadamente. Paula caiu de boca e César soltou o corpo não suportando mais a rigidez. “Olha só, o bezerrão tá a ponto de bala.” Paula começou a punhetar César que suplicava por piedade através de murmúrios emitidos através da fita adesiva na boca. Mariana tirou o dedo e colocou o vibrador sem pedir licença. Um filete de sangue começou a pingar no chão com o corpo dele entregue as lágrimas que escorriam. “Goza garanhão, goza.” Paula punhetava ele quando foi surpreendida pelo dedo de Mariana em sua buceta. As duas se beijavam e se tocavam com uma mão enquanto punhetavam César com a outra. Todos gozaram juntos.

Mariana e Paula caíram se abraçando calorosamente curtindo aquele êxtase. César relaxou o corpo por completo e ficou num estado de rigidez perdido numa inconsciência consciente rezando para, de alguma forma, não sair vivo dali. Era como se tivesse sido crucificado. As duas se vestiram, juntaram os brinquedos e tiraram as amarras de César. Quando o colocaram no chão ele estava tremendo e suando. Na posição fetal em que caiu ficou mesmo com os pés e mãos desamarrados. Nenhum som saiu de sua boca depois que ela foi destampada. César mal conseguia abrir os olhos e respirava pouco, prendendo o ar, enquanto Mariana e Paula riam compulsivamente.

Elas jogaram as roupas em cima dele e foram indo na direção da Fiorino. “Vamos lá garanhão, a gente sabe que você gostou do ménage. Não precisa ter vergonha.” “Não sei não, mas acho que você nunca gozou tanto na vida, ainda estou toda lambuzada.” Ambas saíram juntas do galpão e deixaram César estirado no chão. Depois de seis horas, com a ajuda dos primeiros raios de sol, ele conseguiu colocar as roupas e sair dali sem ter certeza do que tinha acontecido.

O fim do resto

No futebol da educação física do colégio o primeiro a ser escolhido não é só o melhor. Ele é o melhor, o mais legal, o mais bonito, com um futuro brilhante, inteligente e o orgulho do Sr. e da Sra. Oliveira. Daí para baixo vem o resto, encabeçados pelos melhores amigos dos melhores, depois um goleiro, alguém que joga mais ou menos mas é chato, e o ruim. Esse é a escória da sociedade, a maçã podre, o menino sem futuro e peso morto. Esse era eu. Deveria ter me matado quando tinha 17 anos. Naquela noite com a Sara, em que ela estava pela-dinha deitada na minha cama, pronta para o amor, e eu não consegui fazer nada. Aquela deveria ser a primeira e última vez que isso aconteceu. Mas ela estava bêbada, não lembrou de nada da noite anterior, e eu não me matei. Teria poupado minha alma, e a humanidade, de todos esses anos de merda.

Acabei dormindo no sofá assistindo “só é feliz e saudável quem tem...”. Não sou nem feliz e nem saudável. Nem tenho nada. Quem é feliz e saudável nem sabe que eles ficam vendendo estas porcarias toscas na madrugada. Enquanto eu fervia a água para o café me imaginei numa casa grande, com um par de carrões na garagem, num condomínio, de terno, fazendo café numa daquelas máquinas que eles vendem na madrugada. A Sara descendo as escadas com as crianças, desviando do nosso Dachshund, que ia chamar Cofap. Talvez seja melhor eu voltar a dormir assistindo algum programa de igreja. Esse calor é medonho, comecei a suar antes mesmo de começar a viver. O sofá, minha roupa, meus pensamentos, esta tudo ensopado de suor.

Caguei fumando um cigarro e fui direto para o banho. Não adianta colocar o chuveiro no modo verão, a água é quente porque o sol é quente, o tijolo da parede esta quente, o cano esta quente, o inferno esta quente. Depois fiz um café quente, tomei fumando uma ponta que queimou meu dedo, peguei o táxi, liguei o ar condicionado e saí para trabalhar.

Desci a Radial Leste inteira até o centro sem pegar um passageiro. Subindo a Avenida Ipiranga, ali na altura da Praça da República, três estudantes fizeram sinal. “Quanto fica uma corrida até a Barra Funda?” “Pra vocês três?” “É.” “Faço vinte para cada um.” “Tá muito caro!” “É bandeira dois, tem o trânsito desse horário, no taxímetro vai dar mais.” “Tudo bem.” Como cavalheirismo virou machismo, o cara veio sentado na frente e as duas garotas foram atrás. “Vocês cobram muito caro, por isso que todo mundo só pega Uber.” “Se cobrando caro não sobra dinheiro nem para tomar café com leite, se eu cobrar menos só vai ter água quente.” “Mas também, você quer tomar café com leite todo dia?” “Você não?”

Deixei os três na subida da rampa do terminal e fui rodar. Passando na frente do fórum da Barra Funda um engratado me parou. Entrou no banco de trás meio atabalhado e ofegante. “Para um pouco antes da saída daquele estacionamento ali. Pode ficar com o taxímetro ligado.” Porque não ficaria? “Nós vamos ter que seguir um carro. Você é taxista, deve ter experiência dessas coisas. Ela não pode perceber.” “Tudo bem.” Não, não tenho direito a uma vida tranquila. Um carro prata, desses grandes de madame, saiu do estacionamento. “Ali, aquele SUV, fica com ele.” O tom dele era de investigação policial que ia dar bosta.

Fomos para as Perdizes. Subimos a rua Tucuna, desembocamos no Parque Antártica e o SUV parou numa farmácia.

Uma loira de uns quarenta anos, dessas de fazer muita garota de vinte parecer uma criança, desceu e entrou na farmácia. “É a minha esposa.” “Parabéns.” Comecei a reparar que ele tremia e tinha uma cara que de idiota se transformava em psicótica com o passar do tempo. “Ela quer o divórcio. Tenho certeza que ela esta me traindo.” Parece que essa corrida é uma ameaça aos meus planos de uma vida pacata e tranquila. Me sentia perdendo a chance de dizer: “Você não quer descer aqui e refletir melhor sobre tudo isso? Procura ajuda. Não precisa pagar a viagem. Boa sorte. Até nunca mais.”

“Olha lá!” A loira de cabelos reluzentes e pernas grossas de um metro e meio saiu da farmácia e entrou no carro. “Você conseguiu ver o que tinha na sacolinha? O que ela comprou? Foi muito rápido. Tenho certeza que não foi remédio.” Já não me preocupava mais em responder com a esperança de que isso fosse entendido como um sinal para ele parar de falar e sair logo do carro. “Continua atrás dela. Vamos, vamos.” Agora meus pensamentos já seguiam mais na direção de “puta merda, não quero ter que ir na polícia. Por favor, desce.”

Nos embrenhamos pelo bairro até sair na Avenida Sumaré. Fomos indo sentido Pinheiros. “Se ela esta pensando que vai me deixar fácil assim ela esta delirando. Não sou otário.” Comecei a sentir pânico cada vez que via a cara dele no retrovisor. “Ela me deve, sabia? Sem mim ela não ia ser nada. Agora ela quer me deixar, e ficar com o dinheiro ainda por cima. Ela esta louca. Quem pagou a faculdade de arquitetura em Barcelona? Quem pagou as roupas, as festas, as joias? Ela me deve.” Aumentei o rádio. “Baixa isso cara, por favor.”

Chegamos até Pinheiros. Descemos a Cardeal Arco Verde e o SUV entrou num estacionamento depois do cemitério. “Para na esquina de baixo, para na esquina de baixo.” A

mulher saiu do estacionamento, andou uns metros na calçada e entrou numa portinha com várias salinhas de profissionais liberais. “Eu sabia que era aquele filho da puta do psicólogo. Aquele papinho de terapia era só fachada. Ele queria mesmo era comer minha mulher. Vou resolver isso agora.” O cara sacou um trinta e oito, desses pequenos, de dentro da pasta. “Fica aqui esperando que quando eu voltar você me leva para casa e te pago o dobro.” Esperei ele entrar na portinha e fui embora para longe dali o mais rápido possível.

Depois da merda no ventilador

[Dona Gertrudes – 53 anos – Dona de Casa]

Quando eu virei para a segunda rampa eu vi os dois lá em cima, se esfregando encostados no canto da grade. Mas ainda não sabia o que eles estavam fazendo. Foi quando fui chegando perto e escutando o barulho que percebi o que estava acontecendo. Foi horrível. Eu não sabia o que fazer e comecei a gritar. Aí todo mundo começou a chegar e um Senhor muito simpático e elegante veio me confortar com uma água e perguntando se estava tudo bem, o que tinha acontecido, essas coisas. Ele foi muito reconfortante.

[Bernardo Pereira – 36 anos – Pedreiro]

Lá de baixo eu já tinha ganhado o que estava rolando com os dois lá em cima. Os dois tavam se pegando forte. A tia lá começou a gritar não sei muito bem porque e um pessoal começou a correr do ponto para cima da passarela. Eu fiquei na minha. Tava na rampa do outro lado e voltei lá para baixo para esperar a coisa esfriar. Lá em cima começou o empurra empurra e a gritaria. A galera tava com sangue nos olhos. Aí começou o falatório, a polícia chegou e aí que não cheguei perto mesmo. Tava na cara que ia terminar em confusão.

[Renato Seixas – 23 anos – Auxiliar de produção]

Eu não estava entendendo o que estava acontecendo, pra falar a verdade eu nem queria me meter em nada. A confusão estava rolando lá em cima na passarela e eu fiquei aqui no ponto de

ônibus só olhando. Então um cara saiu correndo do meio da confusão e veio na direção do ponto. Os dois policiais saíram na caça. O povo veio atrás deles gritando “estuprador, estuprador”. Aí quando ele passou na minha frente eu enfiei o pé nele e ele caiu. Sei lá, achei que era o certo a fazer. Ele estava correndo da polícia com todo mundo gritando estuprador. Daí todo mundo caiu em cima dele e eu me afastei.

[Fátima Abrilina – 39 anos – Professora]

Acho que ninguém sabia o que estava acontecendo. Eu fiquei aqui em baixo no ponto o tempo todo. Primeiro começou uma agitação lá em cima na passarela. Dois policiais que estavam com mais um numa viatura aqui em baixo foram para lá ver. Alguém passou por aqui e disse alguma coisa sobre estupro. Aí um homem desceu a passarela correndo e caiu quase na minha frente. Aí eu saí de perto. Olha, nesse mundo de hoje o melhor que a gente pode fazer é não entrar em confusão. Sempre falo isso pros meus alunos: trabalhem e não se metam com confusão.

[Léo Kleim – 25 anos – Estudante]

Acho que fui um dos primeiros a chegar lá. Eu tava no meio da passarela e nem tinha percebido o que estava acontecendo. Escutei um grito e quando vi o cara fechando a braguilha todo desajeitado entendi tudo e não tive dúvida, parti para cima dele. Se a grade não fosse tão alta tinha jogado ele lá para baixo. Daí começou a chegar gente e soltei o infeliz porque tavam batendo em mim sem querer tentando acertar ele. O cretino aproveitou para correr, mas a gente pegou ele no ponto. Aí veio um monte de viatura e levaram o marginal.

[Seu Agenor – 60 anos – Aposentado]

Para falar a verdade não vi nada. Eu vinha subindo a primeira rampa da passarela tão pensando na vida que nem percebi o tumulto. Quando virei para segunda rampa vi uma Senhora chorando perto de toda confusão e fui tirar ela de lá. Ela estava chocada e tremia. Falava umas coisas sem sentido, não dava para entender nada. Até agora não sei direito o que aconteceu. Acalmei um pouco ela e trouxe ela aqui para baixo, longe da confusão. A gente ficou conversando e nem vimos como tudo acabou. O nome dela era Gertrudes, se não me engano. Peguei o telefone dela também.

[Mariana Carla – 29 anos – Publicitária]

Minha nossa, foi uma selvageria. Eu já tinha passado pelos dois se pegando lá, mas nem tinha ligado, me pareceu normal. Então uma mulher começou a gritar e um monte de gente correu na direção deles. Um cara passou por mim como se fosse um animal. Antes que começassem a bater na menina também eu tirei ela do meio da confusão. Coitada. Ela gritava desesperada para pararem com aquilo, mas ninguém escutava. Então o menino saiu correndo do meio da briga e ela foi correndo atrás. Tentei segurar ela, mas não consegui. Achei que já tinha feito tudo que podia e me afastei.

[Marília Estorme – 19 anos – Estudante]

O que aconteceu aqui foi um absurdo. Eu vi tudo. Os dois só estavam dando uns pegadas na passarela quando um cara partiu para cima deles do nada. Aí começou uma gritaria e toda confusão. Não sei da onde tiraram essa história de estupro. Eu já vi os dois na faculdade, eles estudam lá também. É revoltante.

[Carlos Betolho – 41 anos – Policial]

Nós estávamos realizando a vigia da passarela quando observamos uma aglomeração se formar no topo da segunda rampa. Eu e o cabo Martins subimos para averiguar o que estava provocando a desinteligência. Cinco cidadãos estavam contendo o elemento, que quando percebeu nossa aproximação se desvencilhou dos homens e tentou se evadir do local correndo. Iniciamos uma perseguição e capturamos o elemento no ponto de ônibus do outro lado da Avenida com a ajuda dos cidadãos que estavam no ponto. Ele reagiu se debatendo no momento de ser algemado, e tivemos de usar de força física para imobilizá-lo e colocá-lo na viatura.

[Marcela Camorga – 21 anos – Secretária]

Não vi nada, eu estava sentada no ponto ouvindo música no fone de ouvido e mexendo no celular. De repente uma mulher caiu em cima de mim e quebrou meu telefone. Quem vai pagar isso? O ônibus passou e não parou por causa da confusão. A gente não pode mais nem esperar o ônibus em paz. É sempre o povo que paga pelos problemas dos outros. O que eu tenho haver com isso? Tem que colocar esse monte de animais na cadeia e esquecer lá.

Bate-papo

[21:23:59] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: Oi

[21:24:15] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: ola

[21:24:20] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: tudo bem?

[21:24:31] M amizade entra na sala.

[21:24:45] h mama h diz para Todos: algum cara aí afim?

[21:25:01] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: sim e vcs?

[21:25:27] coroa safado entra na sala.

[21:25:40] Moreno22 diz para Todos: aumente seu pênis de forma natural. {www.penislandia.cz}

[21:25:47] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: tbem

[21:25:53] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: da onde tcm?

[21:25:55] Karina diz para Todos: estou peladinha na cam esperando vc em {www.sopravc.fg}

[21:26:01] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: ZS e vcs?

[21:26:07] Carol15 entra na sala.

[21:26:10] KRALHUDO fala reservadamente para Ele&Ela: 19cm de rola para esposinha e maridão.....afim?

[21:26:20] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: ZN

[21:26:25] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: quantos anos vcs tem?

[21:26:47] Hserio entra na sala.

[21:26:54] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: eu 32 e ela 35 e vcs?

[21:26:59] Mariza diz para Todos: Ninfetas loucas por sexo só

no {www.ninfasperdidas.yu}

[21:27:13] Safado CAM1 entra na sala.

[21:27:25] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: eu 38 ele 42

[21:27:32] Coroa safada diz para h34: tenho muita coisa para te ensinar ahahaha

[21:27:45] Kzado quer entra na sala.

[21:27:48] Loirinha sai da sala.

[21:27:53] Macho sai da sala.

[21:28:10] Karina diz para Todos: estou peladinha na cam esperando vc em {www.sopravc.fg}

[21:28:20] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: o q vcs fazem?

[21:28:33] Gordinho T entra na sala.

[21:28:47] Einsten entra da sala.

[21:28:55] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: somos liberais, gostamos de fazer tudo

[21:29:13] Safado CAM1 fala reservadamente para Ksal Discreto: quer ver um homem de verdade fuder sua mulher seu corno?

[21:29:33] Mulher entra na sala.

[21:29:42] Hserio fala reservadamente para Ela&Ele: oi

[21:29:50] Mariza diz para Todos: Ninfetas loucas por sexo só no {www.ninfasperdidas.yu}

[21:29:53] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: legal, mas eu quis dizer no q vcs trabalham rrsrs

[21:30:10] Marta ZO entra na sala.

[21:30:25] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: rrsrs eu sou arquiteta e ele é advogado e vcs?

[21:30:33] h mama h diz para Todos: algum cara afim?

[21:30:49] Paola entra na sala.

[21:30:57] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: sou empresário e ela é médica

[21:31:04] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: vcs tem filhos?

[21:31:24] Einstein sai da sala.

[21:31:37] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: temos 2 e vcs?

[21:31:45] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: legal, nós temos 1

[21:31:50] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: até por isso a gente quer ser discreto

[21:32:04] Coroa safada diz para Safado CAM1: vamos

[21:32:10] Hilda Hilst entra na sala.

[21:32:17] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: nós tbem gostamos de ser discretos

[21:32:23] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: não vamos em casas de swing ou coisas assim

[21:32:30] Maduro entra na sala.

[21:32:42] H22cm diz para Todos: cavalo comendo famosa sem vaselina {www.animalfuck.jh}

[21:32:57] Carol15 diz para Todos: alguém quer tc?

[21:33:01] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: nós tbem não

[21:33:10] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: como vc são?

[21:34:20] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: eu 1,70m, 65kg, loira e olhos castanhos, ele 1,85m, 93kg, moreno e olhos castanhos e vcs?

[21:34:25] H pintudo sai da sala.

[21:34:07] Hilda Hilst diz para Todos: alguém aqui quer só tc?

[21:34:16] Hserio diz para Hilda Hilst: oi

[21:34:40] Marcelo sai da sala.

[21:34:59] Carol15 diz para Maduro: não

[21:35:05] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: eu 1,80, 80kg, loiro e olhos castanhos, ela 1,75, 68kg loira e olhos verdes

[21:35:20] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: o q vcs procuram?

[21:35:34] h mama h diz para Todos: algum cara aí afim? tenho local na ZN

[21:35:43] paulo17 sai da sala.

[21:35:55] Safado CAM sai da sala.

[21:36:10] H66 diz para Madura CAM: vc é homem seu viado

[21:36:13] H66 diz para Todos: cuidado!!!! a Madura CAM é uma bixa loca

[21:36:30] Karina diz para Todos: estou peladinha na cam esperando vc em {www.sopravc.fg}

[21:36:40] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: uma aventura com um casal discreto e vc?

[21:37:13] H pintudo entra na sala.

[21:37:20] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: isso aí tbem rsrs

[21:37:25] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: uma aventura sem compromisso

[21:37:30] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: vcs já saíram com outros casais?

[21:38:05] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: não, e vcs?

[21:38:30] M inversão diz para H66: me deixa em paz seu escroto

[21:38:40] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: tbem não

[21:38:55] renato bi sai da sala.

[21:39:03] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: o q vcs quiseram dizer quando disseram que gostam de fazer tudo? rsrs

[21:39:19] Evangélica amizade sai da sala.

[21:39:30] Mariza diz para Todos: Ninfetas loucas por sexo só no {www.ninfasperdidas.yu}

[21:39:50] M inversão sai da sala.

[21:40:18] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: nós dois somos bi, gostamos de tudo entre 4 paredes rsrsrs

[21:40:30] Hserio sai da sala.

[21:40:47] Mario 47 entra na sala.

[21:41:09] PAU DURO CAM sai da sala.

[21:41:30] Moreno22 diz para Todos: aumente seu pênis de forma natural. {www.penislandia.cz}

[21:41:51] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: do que vcs gostam?

[21:42:03] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: a gente estava pensando mais em uma troca de casais

[21:42:13] Caroline entra na sala.

[21:42:31] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto:

podemos fazer várias trocas rsrsrs
[21:42:47] Elton21anos sai da sala.
[21:43:11] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: não sei, nunca transei com outro homem
[21:43:21] DotadoCAM entra na sala.
[21:43:30] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: minha esposa disse que já transou com outras mulheres na faculdade
[21:43:40] DotadoCAM diz para Mulher Perdida: oi
[21:43:43] DotadoCAM diz para h passivo: oi
[21:43:48] DotadoCAM sai da sala.
[21:44:11] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: as coisas acontecem de forma natural
[21:44:19] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: o q rolar rolou rsrsrs
[21:44:32] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: seu marido sai com outros homens sempre?
[21:44:50] Hilda Hilst sai da sala.
[21:45:09] Matheus sai da sala.
[21:45:20] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: não, a gente tem uns brinquedinhos para se divertir
[21:45:30] Ninfa diz para Todos: famoso confessa que gosta de transar com cabras {www.semvergonhadacabra.hg}
[21:45:48] Caroline diz para Ksado43: 18
[21:46:12] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: desculpem, mas acho que isso não vai dar certo
[21:46:22] Caroline diz para Ksado43: q nojo
[21:46:34] Caroline sai da sala.
[21:47:20] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: tudo bem
[21:47:22] Mariza diz para Todos: Ninfetas loucas por sexo só no {www.ninfasperdidas.yu}
[21:47:25] Ela&Ele fala reservadamente para Ksal Discreto: até
[21:47:30] Ksal Discreto fala reservadamente para Ela&Ele: até
[21:47:45] Ksal Discreto sai da sala.
[21:47:55] Ela&Ele sai da sala.

Memórias de um empurrador de árvore

Nunca entendi porque a Cláudia não gostava de comer queijo ralado barato. O macarrão podia ser uma massa qualquer de ovos, o molho de saquinho com catchup, a salsicha podia ser da promoção, mas o queijo tinha que ser faixa azul. Se não fosse o legítimo ela não comia e ficava emburrada. Era quase uma afronta. Uma vez o pai dela disse que ela era igual a mãe dela, só queria coisa de marcas famosas. Mas isso nunca fez muito sentido. Ela adorava chocolate ruim. Cheguei a gastar mais com essa exigência do queijo do que com todos os outros ingredientes da macarronada juntos. E estamos falando de um momento da vida onde comer uma barra de chocolate ruim era um luxo.

A gente se conheceu na faculdade. Eu fazia administração e ela publicidade. Na verdade foi trabalhando. Ambos precisávamos de uma bolsa pra viver, e a biblioteca precisava de monitores. No alto dos meus 19 anos nunca tinha estado tão perto de alguém como a Cláudia. Vibrante, bonita, inteligente, confiante. Queria passar o resto da vida com ela. Não tenho a menor ideia do que ela via em mim. A gente ficava conversando a maior parte do tempo sobre os problemas da minha família, e eles não eram interessantes. Mas ela dava risada, e eu também. Nós estávamos nos tornando amigos, e aquilo me enlouquecia.

Nunca tinha tido um namoro sério. Tinha ficado com cinco garotas na vida e transado só com uma. A Camila era uma amiga da escola. Nenhum de nós dois tinha uma segunda opção, então a gente acabou ficando umas vezes. Era estranho.

Nós mal nos falávamos na escola, mas no fim do churrasco a gente sempre acabava se beijando. Transamos no dia da festa de formatura, mas só eu era virgem. Tudo foi muito estranho também. Na cabine do banheiro do salão onde era a festa. De repente ela abriu minha calça e montou em cima de mim e eu tava todo gozado. A Márcia, que era melhor amiga dela, estava transando com o Carlos na cabine do lado. Pensando agora acho que elas tinham combinado tudo aquilo.

Enfim, mulheres não eram minha especialidade. Não sabia muito bem o que fazer com a Cláudia. Passei horas pensando em como ia convidar ela para um encontro. Depois de um tempo que a gente estava namorando ela me contou que sempre esperou eu convidar ela para sair, chegou até a pensar que eu não queria nada com ela. Lembro que em uma sexta-feira cheguei decidido. Na quinta a tarde tinha perguntado para ela se ela ia numa festa de república que ia ter na sexta. Ela tinha dito que não sabia, que ninguém tinha chamado ela. Mal dormi aquela noite arrependido de não ter convidado ela aquela hora.

Apesar de toda a minha certeza passei a maior parte da manhã me escondendo dela com vergonha de mim mesmo por ter vergonha de chamar ela para festa. Até que uma hora ela sentou do meu lado na bancada e falou: “Você tá fugindo de mim?” Respondi tremendo e suando: “Não, estou pensando numa forma de te convidar para ir comigo na festa hoje.” Ela riu e disse que “sim”. Eu ri e disse “que legal”. Passamos o resto daquele dia sem se falar direito. As vezes a gente se olhava e ria, o que para mim significava que eu estava no caminho certo.

Combinamos de se encontrar num posto de gasolina perto da república onde ia ser a festa. Tinha me oferecido para passar na casa dela, mas a Cláudia que sugeriu o posto e só

concordei. Na festa a cerveja quebrou todas as nossas barreiras de timidez e vergonha antes da segunda lata. Nenhum de nós dois era muito acostumado com bebida e rapidinho já estávamos rindo de qualquer coisa que qualquer um falasse. Até dancei com ela e algumas amigas dela umas músicas toscas para parecer descolado. Não demorou muito para a gente começar a se pegar pelos cantos.

Não sei dizer muito bem como chegamos a conclusão de que íamos para casa dela, mas nós fomos. A garota que morava com ela estava vendo um filme com o namorado na sala, e quando percebi já estávamos os dois pelados se agarrando compulsivamente na cama dela. Estava louco de tesão. Só subi em cima dela e comecei a bombar o mais rápido que conseguia. Ela gemia cada vez mais alto e quando ela gritou que ia gozar meu pau explodiu e esporrei em cima dela toda, e na cama depois que ela começou a desviar. Peguei minha cueca e tentei limpar ela, mas ela foi tomar um banho. Me vesti e fiquei deitado vendo aquele teto girar.

Depois disso namoramos por quase quatro anos. Aprendi que além de queijo faixa azul a Cláudia gostava que eu gozasse dentro da camisinha para evitar a sujeira. Isso faz um bom tempo já. A gente se formou, ela foi fazer mestrado na Europa e eu passei num concurso público. A última vez que vi ela foi um pouco antes de ela viajar. Trocamos dois ou três e-mails nos primeiros meses. Ela tinha tido uns problemas pra se adaptar mas logo ficou bem. Nunca mais tive notícias da Cláudia nem daqui e nem de lá. Outro dia acho que cruzei com ela na rua. Ela não me reconheceu. Também não tenho certeza se era ela.

Sobre o AntimidiaBlog

Tudo começou no finado Multiply, em uma noite de tédio de abril de 2007. Naqueles dias, intitulado como Notas de um Zé Ninguém (<http://web.archive.org/web/20120705214552/http://edcapobianco.multiply.com>), a ideia era criar um espaço para divulgar contos e crônicas escritas por Eder Capobianco, além de vídeos, fotos, links e notícias que circulavam pela internet sem muito destaque.

Com o desaparecimento da plataforma em 2012, contrariando todas as expectativas, o blog se expandiu. Todo conteúdo original foi transferido para as plataformas WordPress (<http://antimidiablog.wordpress.com>) e Blogspot (<http://antimidiablog.blogspot.com.br>), e o título Notas de um Zé Ninguém foi substituído pelo nick Antimidia, que já possuía perfis e blogs no Flickr (<http://www.flickr.com/photos/antimidia>) e Tumblr (<http://antimidia.tumblr.com>) para a publicação de fotos.

Para continuar difundindo parte do que de bom vaga pelo gigantesco ciberespaço foi criado o Reblogador (<http://reblogador.wordpress.com>), que se apropria da ferramenta reblog para aumentar a alcance da produção de blogueiros independentes do WordPress.

O AntimidiaBlog é atualizado semanalmente, nas manhãs de sexta-feira.